

FORMAÇÃO DE LIDERANÇA LOCAL EM IGREJAS AUTÓCTONES

Fernando Queiroz Fernandes*

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido tendo como pressuposto principal a formação de discípulos e de obreiros locais em contextos de plantação de Igrejas, principalmente entre povos não-alcançados, animistas e ágrafos. **Inicialmente será abordado o tema sobre a plantação de igrejas em contextos pioneiros**, refletindo sobre algumas ações práticas que os missionários devem desenvolver nesses contextos e sobre o tamanho da tarefa a ser realizada pelos missionários contemporâneos. **Posteriormente será abordado sobre a necessidade de um treinamento consistente para aqueles que desejam desenvolver o ministério missionário.** Missiólogos afirmam que os povos ainda não evangelizados, portanto, aqueles que necessitam de se comunicar o Evangelho efetivamente, são os mais difíceis de todos os tempos. Por isso, é preciso a Igreja enviada investir recursos financeiros, tempo e energia no treinamento dos missionários de carreira, plantadores de Igreja, bi-vocacionados ou não, para que ele possua condições de desenvolver ações mais assertivas possíveis no processo de comunicação do Evangelho.

PALAVRAS-CHAVE: Plantação de Igrejas, povos não-alcançados, formação de discípulos e de obreiros locais.

ABSTRACT

This article was developed with the primary assumption of the formation of disciples and local workers in contexts of church planting, especially among unreached peoples, animists and statues. **Initially, the topic of church planting in pioneer contexts will be addressed**, reflecting on some practical actions that missionaries must develop in these contexts and on the size of the task to be accomplished by

* Este artigo foi desenvolvido a partir de uma Dissertação de Mestrado em Missiologia no Centro Evangélico de Missões (CEM) em Viçosa/MG com título: A Formação de Liderança Local em Igrejas Autóctones. Orientado pelo Professor Dr Sebastião Lúcio Guimarães. Artigo apresentado no III Congresso Internacional de Teologia e Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória/ES, realizado entre os dias 22 e 25 de Agosto de 2017. <http://lattes.cnpq.br/8200123713622209>
fequefe@hotmail.com

contemporary missionaries. **Subsequently we will address the need for consistent training for those who wish to develop missionary ministry.** Missiologists claim that people who are not yet evangelized, therefore those who need to communicate the Gospel effectively, are the most difficult of all time. Therefore, the sending Church needs to invest financial resources, time and energy in the training of career missionaries, church planters, bi-vocational or not, so that it can develop the most assertive actions possible in the process of communicating the Gospel.

KEY WORDS: Planting of Churches, unreached people, formation of disciples and local workers.

INTRODUÇÃO

Os candidatos ao ministério missionário necessitam ter acesso a uma formação missiológica consistente. A causa disso é que os povos não-alcançados que aguardam a chegada de missionários, são povos que foram resistentes ao evangelho durante vinte séculos. As estratégias, os métodos missionários, o preparo teológico e missiológico superficial ministrado para os vocacionados do passado, acredita-se que não se encaixam mais às missões contemporâneas. Lidório (2006, p. 18) afirma que

em regiões onde havia três grupos não-alcançados, deu-se penetração missionária nos dois que demonstravam menor resistência; seja geográfica, política, religiosa, linguística, cultural ou espiritual. O mais resistente ficava para um segundo momento. Em linguagem simples, poderíamos afirmar que coamos esses 13.000 povos não-alcançados, e o remanescente de 2.000 grupos intocados pelo evangelho hoje forma justamente o grupo mais resistente. Portanto o que temos em mãos neste início de milênio não são simplesmente outros 2.000 PNA's (Povos Não Alcançados), mas justamente os 2.000 mais resistentes em toda a história do cristianismo. Consequentemente precisamos hoje de maior preparo missiológico, cultural e linguístico do que os missionários de 50 anos atrás.

Sabe-se que os novos problemas da vida pós-moderna demandam também novas soluções contemporâneas. Para evangelizar os países fechados ao evangelho por motivos políticos e/ou religiosos, uma das estratégias atuais é o envio de missionários fazedores de tendas, os chamados – bi-vocacionados, para essas regiões. Mas para o missionário ser um fazedor de tendas (bi-vocacionado), é necessário fazer um curso técnico ou uma faculdade, além de estudar teologia e

missiologia para ser enviado ao campo.

Para enviar um missionário bi-vocacionado ou não, é necessário investir tempo, recursos financeiros e energia nos candidatos ao campo missionário, coisa que as igrejas brasileiras infelizmente ainda não atentaram para isso.

Esta afirmação é feita com base numa pesquisa que foi realizada no Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono (CTMDT), escola de missões na cidade de Santa Luzia – região metropolitana de Belo Horizonte/MG. Neste centro de treinamento missionário havia no final de Novembro de 2008, cento e oito alunos estudantes do curso de missiologia com duração de dois anos. A igreja evangélica brasileira estava representada naquela escola com vinte e uma denominações, quarenta e oito cidades e dezesseis estados brasileiros.

Em contextos pioneiros de plantação de igrejas, é necessário o missionário e/ou a equipe missionária possuir como uns dos objetivos principais do seu trabalho, a formação de liderança local. Missiólogos tem afirmado que não é aconselhável o missionário dedicar toda sua vida num único campo missionário, exceto quando existir a real necessidade de se traduzir toda a Bíblia para a língua local, pois esse é um trabalho para ser desenvolvido entre vinte a trinta anos.

Diante das dificuldades que naturalmente surgem nos campos missionários atuais, como: perseguição religiosa, política, doença, falta do sustento financeiro, contextos de guerra, entre várias outras, é fundamental o missionário desenvolver seu ministério abrangendo a formação de líderes locais que assumirão o trabalho quando for necessária a sua saída.

A Bíblia trata dessa “estratégia missionária”, quando relata sobre homens que durante seu ministério formaram alguém para substituí-lo quando fosse necessário, como: Moisés, Elias, Eliseu, Jesus e Paulo. Ou seja, é necessário o missionário desenvolver seu ministério tendo em mente a formação de pessoas para assumirem seu lugar.

Se os missionários desejam comunicar o evangelho de forma relevante, inteligível, compreensível, a partir da cosmovisão do povo, então eles necessitam conhecer a

cultura local a partir do convívio com o grupo alvo. Após compreender emicamente¹ os padrões culturais de pensamento dos nacionais, é necessário comunicar a mensagem da cruz para eles, acompanhado da ação de plantação de igrejas. Os líderes locais que naturalmente surgem, devem receber orientação para exercerem a liderança eclesial da igreja assim que eles estiverem prontos. É necessário também que o missionário tenha humildade de repassar para a liderança local as responsabilidades pelo desenvolvimento do evangelho entre seu povo.

JUSTIFICATIVA

A primeira justificativa encontra-se em uma entrevista que a Missão Avante fez com o Missionário Ronaldo Lidório, durante o IV CBM (<http://www.missaoavante.org.br/cbm/ronaldo.asp>). Ele cita duas das principais carências missionárias que existem na atualidade: enviar para o campo o missionário com capacidade para treinar líderes locais, e treinar missionários para trabalhar com a tradução da Bíblia.

A segunda justificativa está nos escritos de Lidório (2007, p. 40-1), onde ele nos informa que uma das principais causas de existirem igrejas sincréticas, são equipes missionárias plantadoras de igrejas formadas com muitos evangelistas, porém com poucos ou quase nenhum mestre e discipulador. Alguns missionários plantam igrejas, porém nem todos promovem o seu amadurecimento na Palavra, gerando conseqüentemente uma igreja sincrética ou até mesmo uma igreja nominalista.

A terceira justificativa está no site da Missão AMEM (http://www.amem.org.br/se_envolvendo.php), onde também aparecem essas mesmas carências de envolvimento missionário: treinamento de liderança e tradução bíblica. Das oito oportunidades para se envolver ministerialmente com missões através da Missão AMEM, eles utilizaram o termo “grande prioridade” somente para duas em seu site: Professores e Tradutores/Alfabetizadores. Assim está no site:

¹ Antropologicamente falando, existem dois tipos de padrões de aproximação dos fatos sociais, a fim de os entendermos como eles são para aqueles que os praticam – o padrão ÉTICO e o padrão ÊMICO. Quando optamos pelo padrão êmico, nos propomos a analisar um fato antropológico, seja étnico, grupal, individual ou fenomenológico, a partir da cosmovisão, dos “óculos culturais”, daqueles que estamos estudando. Como o termo êmico significa interno, sugere a procura pela verdade como ela é entendida pelo agente promotor do fato, ou seja, das pessoas que vivem naquela cultura.

Professores: O treinamento de líderes nas igrejas locais é de grande prioridade nos programas da AMEM internacionalmente. O ensino da bíblia é necessário em todos os níveis, desde educação teológica por extensão até professores de seminário.

Tradutores e Alfabetizadores: A tradução da bíblia é outra grande prioridade em áreas onde esse serviço é necessário. Em lugares onde o número de não alfabetizados é alto, tentamos desenvolver programas de alfabetização de adultos e usamos também outros recursos como fitas cassete.

A quarta justificativa é mencionada por Paula (2006, p. 14-5), que citando Henry Venn, o missionário deve praticar a “eutanasia missionária” assim que existir uma igreja e uma liderança preparada para assumir a responsabilidade da jovem igreja. Isso acontece após a tradução de pelo menos o Novo Testamento na língua do povo, que é uma das grandes necessidades do campo missionário. Paula (2006, p. 168-9), menciona que:

O objetivo final para a igreja nativa é obter uma liderança local, capaz de tomar decisões necessárias ao progresso da mesma, sem interferência da igreja missionária, que deverá apenas manter-se como conselheira, e mesmo assim, somente quando solicitada.

Paulo inspirado pelo Espírito Santo, menciona na sua primeira carta a Timóteo, no capítulo três, e versículos de um ao sete, dezessete pré-requisitos que uma pessoa necessita preencher se quiser exercer o ministério pastoral. No sétimo deles encontra-se a ordem para que o pastor seja apto para ensinar. Sendo assim, a formação para a liderança eclesiástica é uma ordenança bíblica.

Através dos relatos bíblicos verifica-se que Jesus Cristo preparou e discipulou doze homens para continuarem a tarefa iniciada por Ele – comunicar a mensagem das boas novas para todas as pessoas de raça, tribo, língua povo e nação. Segundo Shedd (2008, p. 19) o propósito final de Jesus relativo aos seus seguidores foi “o de torná-los evangelistas e mestres, ensinando, fielmente, o que ele mesmo ensinara e aprendendo a praticar tudo quanto ele ordenou”.

Assim como muitos missiólogos e missionários, este autor acredita que necessitamos praticar no campo missionário as estratégias do apóstolo Paulo: comunicar o evangelho nos lugares onde Cristo ainda não foi anunciado (Rm 15.20, 21), plantar Igrejas nesses lugares, preparar a liderança local para assumir a direção das igrejas, visitá-las periodicamente e assisti-las quando necessário ou solicitado.

A quinta justificativa se encontra nos escritos de Hiebert (2007, p. 79), onde ele nos lembra que para servirmos ao Senhor Jesus necessitamos nos preparar para desenvolver o ministério que Ele mesmo confiou a nós.

A partir dos resultados obtidos de uma pesquisa realizada, o autor concluiu que muitas igrejas não desejam “desperdiçar” tempo com um preparo mais profundo, que “gaste mais tempo e mais recursos financeiros” para os candidatos ao campo missionário, pois este tipo de investimento não produz retorno rápido para a igreja, nem faz crescer o número de membros da congregação.

Hiebert desejava terminar a universidade, o seminário e a pós-graduação. Ele sentia essa necessidade no seu preparo para missões. Esse foi um dos motivos que o levou a contribuir tanto para a missiologia mundial. Hiebert (2007, p. 79) afirma que:

Quando as pessoas vão como missionários, sabemos que elas necessitam compreender o Evangelho, mas geralmente estamos certos de que sabem o suficiente para alcançar o perdido lá fora porque frequentam a igreja e a Escola Dominical. Mesmo se reconhecemos as suas necessidades de um maior treinamento bíblico, a maioria de nós está despercebida das profundas questões levantadas pelas diferenças culturais, sociais e históricas.

Sendo assim deve-se investir ainda mais na liderança local de Igrejas autóctones, investir ainda mais num treinamento consistente dos candidatos ao campo missionário. É necessário gastar mais horas de treinamento com nossos missionários.

DEFINIÇÃO DE POVO NÃO-ALCANÇADO

Para Dayton (1987, p. 711-12) a definição de povo não-alcanceado é: “Um povo não alcançado é um grupo que tem menos de 20% de cristãos praticantes”, o que segundo este autor,

está fundamentada numa tentativa de aplicar-se a teoria sociológica da difusão da inovação. [...] Quando 10 a 20% das pessoas de um grupo já aceitam uma nova ideia, haverá suficiente velocidade de crescimento adquirida de modo que o índice de aumentos de aceitação posteriores será rápido.

Entende-se também como povo não-alcanceado aquele povo que não possui uma igreja organizada que desenvolva o evangelho para eles, não possua pelo menos o Novo Testamento traduzido na língua local e que não tenham obreiros para

comunicar a Palavra entre eles. Para retirar um povo da lista de povos não-alcançados é preciso utilizar-se de muitas estratégias. E se tratando de estratégias, Wagner (1987, p. 696) cita quatro estratégias em missões, a saber: os alvos certos, o lugar certo na hora certa, os métodos certos e as pessoas certas.

Lidório (2008, p. 174) menciona a definição de animismo como “derivado do latim “anima” que significa “respirar”, está associado à ideia de alma ou espírito que está presente em todas as coisas “animando” o mundo e universo”.

Wagner (1987, p. 697) acredita que os alvos missionários certos possuem como objetivo principal: Fazer discípulos, ensinando-os a guardar tudo o que eles aprenderam sobre os ensinamentos bíblicos. No texto da grande comissão de Mateus 28.18-20; o único verbo que está no imperativo é o de fazer discípulos, que se constitui o fim da ordenança de Jesus. Ir, ensinar e batizar são os meios para se alcançar o fim – fazer discípulos. Os missionários não podem confundir os meios com o fim, não importa o que um missionário faça, ele deve procurar fazer discípulos.

O TAMANHO DA TAREFA À SER REALIZADA PELOS MISSIONÁRIOS CONTEMPORÂNEOS

Para que a Igreja conscientize-se panoramicamente do tamanho da tarefa de evangelização destes povos, é preciso relatar algumas estatísticas que os missiólogos contemporâneos têm publicado. Lidório (2006, p. 17) cita o relatório de 2001 da World Mission – Gary Martin, onde lemos que “... o avanço da igreja evangélica que, entre 1999 e 2001, obteve um índice de 6,3% em termos de crescimento mundial.” Em relação ao número de etnias não alcançadas pelo evangelho, o autor cita uma estatística recente da World Mission International, que “... estima que apenas 2.134 grupos étnicos não possuam hoje uma igreja entre eles”.

De acordo com Lidório (2006, p. 21), no mundo hoje possuímos cerca de 6.528 línguas vivas, e “... possuímos a Bíblia completa em 366 línguas, o Novo Testamento completo em 928, e porções bíblicas em 918, ou seja, a Palavra está expressivamente presente em 2.212 línguas”, de acordo com o Relatório de 1999 da

United Bible Societies. Para Lidório (2006, p. 24) em relação ao

desafio transcultural que temos pela frente pode ser estatisticamente relacionado assim: mais de 2000 PNA's que estão sujeitos a ser fragmentados em um número até três vezes maior; mais de 4.000 línguas e dialetos sem porções da Palavra; cerca de 150 grupos nômades sem presença missionária; 103 tribos indígenas não-alcançadas em nosso país, 72% de todos os grupos não-alcançados vivendo em países com fortes limitações políticas e religiosas. Mas a igreja cresce e experimenta um evangelho vivível.

Outro pressuposto é registrado pelo Dr Ronaldo Lidório², onde ele cita que apenas três de cada cem obreiros no mundo hoje estão trabalhando entre os povos não-alcançados, e em países como a Mauritânia e Saara Ocidental, que possuem em média um crente para cada três milhões de pessoas.

A estatística do site da Missão Horizontes, diz que existem no mundo hoje cerca de 2,1 Bilhões de cristãos (católicos, ortodoxos, evangélicos, evangélicos nominais e católicos nominais), 2,3 Bilhões de pessoas não alcançadas, 1,7 Bilhões com acesso ao evangelho, 2,7 missionários para cada 1.000.000 de muçulmanos.

David Botelho³ também faz uma pergunta: “É justo que uma igreja de um mil membros tenha vinte obreiros, enquanto um milhão de muçulmanos possuem 2,7 missionários transculturais?” Depois de algum tempo após ter acesso a essas estatísticas, o autor fez as contas e na igreja na qual era membro, havia um obreiro para cada oito membros.

A mesma estatística da Missão Horizontes (www.mhorizontes.org.br), menciona que a Igreja de Jesus em nível mundial possui em média quatro milhões de obreiros em tempo integral entre os povos cristãos, duzentos e setenta mil obreiros entre os povos com acesso ao evangelho e apenas quinze mil obreiros entre os povos não alcançados!

PLANTAÇÃO DE IGREJAS EM CONTEXTOS PIONEIROS

Em contextos pioneiros os três principais pilares de plantação de igrejas são:

² LIDÓRIO, Ronaldo. Revista de Escola Bíblica Dominical – **A Igreja Local e Missões**. Vol. 10. Santa Bárbara D'Oeste: SOCEP.

³ <http://www.mhorizontes.org.br>. Acessado em 10 de Abril de 2007.

- Realização de pesquisas sócio-culturais, que proporcionarão a comunicação do evangelho de forma inteligível, compreensível e relevante, a partir da visão êmica dos nacionais;
- A tradução do Novo Testamento para a língua local, que além de preservar a língua materna, estimula o desenvolvimento dos nacionais a partir dos conhecimentos da escrita e da leitura;
- A formação de liderança eclesiástica nacional, através do discipulado e do ensino bíblico, o que os tornarão responsáveis pela propagação e desenvolvimento do evangelho entre seu povo.

Uma das grandes “estratégias missionárias contemporâneas” é o investimento na formação de liderança nacional, quer seja alfabetizado ou não, pois quando investe-se na formação destes líderes, o missionário divide com estes as responsabilidades na comunicação do evangelho naquela cultura. Deus não deseja que o missionário faça tudo sozinho, mas que possam dividir a carga com eles, pois se aprende a fazer alguma coisa quando estamos praticando aquilo que temos aprendido.

É mais valioso discipular sete pessoas semanalmente, do que pregar a palavra para setenta pessoas no mesmo período. A tendência no futuro é de que estes sete discípulos alcancem um número muito maior do que setenta pessoas por semana, e estes discípulos devem ser instruídos em dar continuidade na formação de mais discípulos durante o exercício de seu ministério.

Quando o missionário inicia seu ministério entre um povo que não possui uma igreja, será necessária a plantação de uma igreja que possua condições de promover o amadurecimento dos cristãos locais na Palavra e que promova a proclamação do evangelho entre eles. Os missiólogos Shenk e Stutzman (1995, p. 12) acreditam que:

Plantar igrejas é, portanto, o objetivo mais urgente da humanidade. É por meio da criação (ou implantação) de igrejas que o reino de Deus se estende nas comunidades que ainda não foram tocadas pela preciosa surpresa da presença do reino de Deus em seu meio.

Ao plantar igreja entre os povos não alcançados, animistas e/ou ágrafos, as dificuldades são grandes, entre elas: esses povos estão em locais de difícil acesso (barreira geográfica); em sua grande maioria são povos de língua ágrafa (barreira

linguística) – então o missionário deverá assim que possível grafar a língua do povo e ensiná-los a ler e escrever; possuem cultura primitiva, voltada para a subsistência local (barreira antropológica); a religião permeia todas as ações diárias do povo – por isso são animistas (barreira espiritual); somente três por cento da força missionária estão trabalhando entre eles (barreira eclesiástica); estão em locais de acesso controlado pelas autoridades locais, como por exemplo, os índios amazônicos (barreira política).

Para o evangelho ser comunicado de forma viável, inteligível, relevante, compreensível e aplicável entre os povos animistas e ágrafos, a ênfase deve ser numa mensagem que inicie a partir da cosmovisão dos ouvintes, do povo receptor do evangelho, necessitando portando de pesquisas antropológicas. O missionário deverá conhecer o que é relevante, o que catalisa a cognição do povo local, para, a partir daí, desenvolver a mensagem do evangelho com profundidade e que seja interessante para os ouvintes.

Como forma de promover uma teologia bíblica, compreensível e relevante para o povo receptor do evangelho, existe um método de análise sócio-cultural, denominado de Método Antropos, desenvolvido pelo antropólogo e missiólogo PhD Ronaldo Almeida Lidório, que tem sido um divisor de águas na missiologia mundial. O ápice do método é a descoberta de temas bíblicos que se tornem relevantes e compreensíveis na apresentação do evangelho para o povo onde o missionário esteja trabalhando.

Sabe-se que se os cristãos quiserem obter sucesso na propagação do evangelho para um povo, deve-se ministrar dentro da sua cosmovisão. E isto não é uma tarefa fácil. Conhecer a visão de mundo de um nacional, ver a vida com a visãoêmica deles, requer tempo com estes, aprofundamento nos relacionamentos com os nacionais e muitos estudos antropológicos (etnografia, etnologia, fenomenologia), para se descobrir o que é interessante para eles.

A partir destas descobertas, o Método Antropos de Análise Sócio-Cultural propõe várias teologias a serem ministradas para os nacionais, neste caso teologias bíblicas, a saber: Teologia bíblica da criação, da queda, do pecado, da redenção, sobre Deus, os anjos, sobre o mal, entre várias outras.

IGREJAS AUTÓCTONES EM CONTEXTOS PIONEIROS

Um dos conceitos de uma Igreja autóctone, segundo Smalley (1987, p. 603-4) é:

É um grupo de crentes que vive a sua vida, inclusive a atividade cristã, sociabilizada de acordo com os padrões da sociedade local, e para os quais qualquer transformação dessa sociedade vem de suas necessidades sentidas sob a orientação do Espírito Santo e das escrituras. [...] Uma igreja autóctone é precisamente aquela na qual as mudanças que acontecem sob a orientação do Espírito Santo atendem às necessidades e preenchem os significados dessa sociedade e não de algum grupo externo. [...] No Novo Testamento encontramos a descrição da igreja autóctone. É a de uma igreja na qual o Espírito Santo tem operado sua transformação dentro da sociedade. E onde essa sociedade difere de outra (assim como o mundo judaico), a igreja resultante é diferente.

Smalley (1987, p. 607) acredita que este tipo de igreja nunca poderá ser fundada. Esta igreja poderá ser somente plantada, e geralmente a missão fica surpresa com as sementes que crescem.

De acordo com o tamanho da tarefa a ser realizada pelos missionários que pretendem trabalhar entre povos não-alcançados, são justamente nestes locais que as igrejas e agências enviadoras necessitam concentrar esforços. Em relação à influência do plantador de igreja sobre a nova congregação, Shenk e Stutzman (1995, p. 78) concordam que

o fundador ou a equipe de fundadores de igrejas afetam profundamente a forma da congregação. Se o fundador é carismático, a congregação será uma igreja carismática. Se o fundador tem o propósito de desenvolver um afetivo relacionamento com a denominação responsável, a congregação assimilará o mesmo estilo. Se o fundador tem um espírito independente, a congregação se tornará independente. A nova congregação será formada à imagem do fundador ou da equipe fundadora de igrejas. [...] É aconselhável que o fundador de igrejas convide periodicamente outros oradores para falar à congregação emergente. É uma forma de evitar que a congregação se fixe na personalidade de uma única pessoa.

Muito se tem escrito e falado sobre como o missionário deve proceder assim que for formada uma igreja local. Para Beaver (1987, p. 241) a estratégia missionária mais aceita no século XX, e que dominou as missões inglesas e norte-americanas, do meado do século XIX até a Segunda Guerra Mundial, foi o conceito dos três autos.

O inglês Henry Venn era secretário geral da Sociedade Missionária da Igreja, que ficava em Londres; e o norte-americano Rufus Anderson, era secretário para o exterior da Junta Americana dos Promotores de Missões Estrangeiras. Cada um no

seu país chegou aos mesmos princípios dos três autos: uma igreja plantada pelos missionários deveria ser auto-governante, auto-suficiente e auto-propagadora.

Henry Venn tinha como a coroação do trabalho ideal do missionário, a nomeação de um pastor local e seu sustento concedido pelos membros dessa igreja. Rufus Anderson enfatizou sua reprovação ao destaque que as missões concediam ao ato de civilizar os receptores do evangelho. Para ele, uma sociedade não tinha condições de ser reformada para a cultura ocidental da noite para o dia. Anderson tinha como ideal a estratégia de Paulo, que era a de pregar o evangelho e reunir os novos cristãos numa igreja. A função do missionário seria sempre a de um evangelista, de um conselheiro, de um orientador, e nunca de um pastor ou de um dirigente, função que deveria ser exercida pelos nacionais, os quais deveriam ser sustentados pela igreja.

Tanto Anderson como Venn enfatizavam que assim que uma igreja fosse plantada com a visão dos três autos, os missionários deveriam procurar outro campo para atuar, porém deveriam antes ensinar, encorajar e estimular que essa igreja plantada, deveria plantar outras igrejas também, ou seja, eles deveriam se tornar uma igreja missionária desde seu nascimento.

O chinês John L. Nevius missionário presbiteriano em Shantung, aprimorou a estratégia de Anderson e Venn. Para ele devia-se dar mais responsabilidades aos obreiros leigos, os quais deveriam permanecer em suas próprias profissões, e exercer algum tipo de liderança na igreja de forma voluntária. Nevius apostava na necessidade de estudar a Bíblia constantemente, tanto com os obreiros leigos, como com toda a congregação. O trabalho voluntário para exercer os cargos existentes nas igrejas, deveria ter uma administração eclesiástica simples e flexível.

Beaver (1987, p. 243) ressalta que: “Seus irmãos na china não adotaram o seu sistema, mas os missionários na Coreia fizeram uso dele com espantoso sucesso”. Podemos confirmar essa estratégia ao observarmos nossos irmãos da denominação Assembleia de Deus, a maior denominação no país em relação ao número de membros. Assim como os crentes sul coreanos, eles também fizeram uso desse sistema proposto por Nevius.

Para Beaver (1987, p. 243) apesar da adesão feita pelas missões mundiais à estratégia de Venn e de Anderson, a partir de 1875 houve grandes mudanças na mentalidade e nas estratégias missionárias propostas pelas agências e juntas de missões em todo o mundo. As missões se deixaram influenciar pelas práticas colonialistas e pelos sentimentos imperialistas, abandonando a confiança na capacidade de liderança local nas igrejas, e subestimaram o potencial intelectual dos povos receptores do evangelho em todos os países em desenvolvimento.

Desta forma, a Igreja nativa não era mais auto-governada, auto-sustentada e auto-propagadora, e sim uma colônia da Igreja que a plantou. As atitudes paternalistas dos missionários foram apoiadas pelas agências e por suas igrejas, definindo o desenvolvimento do evangelho até aos confins da terra. Essas atitudes errôneas para com a obra de evangelização dos povos foram consideradas nos estudos e pesquisas realizadas para a Conferência Missionária Mundial de Edimburgo em 1910.

Beaver (1987, p. 243) menciona sobre as pesquisas e os estudos realizados para a Conferência Missionária Mundial de Edimburgo, em 1910 que “revelaram que a igreja nativa era realmente um fato e estava indócil sob o domínio paternalista”. Após essa conferência mundial de missões, as agências missionárias se comprometeram em corrigir esse erro, a valorizar a “mente-de-obra” nacional, confiando no potencial dos líderes locais e na atuação do Espírito Santo na igreja plantada. A estratégia missionária do século XIX até a conferência de Edimburgo, em 1910, tinha como objetivos principais as conversões individuais, a plantação de igrejas e a transformação social através da evangelização, educação e da medicina. Beaver (1987, p. 246) afirma que:

De 1910 até a Segunda Guerra Mundial, o mais notável desenvolvimento de estratégia foi colocar cada vez mais a igreja nacional numa posição chave, dando-lhe total independência e autoridade, e desenvolvendo a colaboração entre as igrejas ocidentais e as igrejas mais novas. “A igreja autóctone” e a “cooperação na obediência” foram lemas que expressaram o impulso da estratégia predominante. Os participantes da Conferência de Jerusalém em 1928 definiram a igreja autóctone, sublinhando a acomodação cultural. A Conferência de Madras em 1938 reafirmou a definição, enfatizando o testemunho de Cristo em “um relacionamento direto, claro e íntimo com a herança cultural e religiosa do país”. Whitby, em 1947, apresentou o ideal da “cooperação na obediência”.

Quando um missionário planta uma igreja entre povos animistas e ágrafos, ela

deverá ser ensinada a ser auto-governada. Para isso o missionário deverá praticar a formação de discípulos durante o desenvolvimento do cristianismo naquele povo. Uma igreja só é auto-governada se não possuir interferências de missionários, pastores, igrejas ou agências missionárias estrangeiras.

PESQUISA REALIZADA COM ESTUDANTES DE MISSIOLOGIA

Hoje se torna inadmissível um obreiro aventurar-se em outras terras para comunicar o evangelho de Jesus, sem antes conhecer um pouco dos acertos e dos erros dos missionários que foram antes. Devemos aproveitar os acertos, buscar maximizá-los no nosso ministério, evidentemente evitar os erros que cometeram e que tiveram a oportunidade de deixar-nos registrado. Poderia citar como exemplos às obras de David Hesselgrave, de Paul Hiebert, a série de quatro livros organizados por Ralph D. Winter e Steven C. Hawthorne, as obras de Ronaldo Lidório – principalmente o Método Antropos de Análise Sócio-Cultural, Lotar Kaiser, o livro sobre contextualização organizado pela missióloga Bárbara Burns, Cácio Silva, Donald McGavran, algumas obras de Russel Shedd, C. Timóteo Carriker, C. Peter Wagner, Michael Green, David Bosch, entre outras.

Foi no CTMDT em Santa Luzia/MG, no ano dois mil e oito, que o autor realizou uma pesquisa para analisar se a igreja brasileira está ciente desta urgência de “gastar tempo, energia e recursos financeiros” com os vocacionados para missões. Nesta escola existiam cento e oito estudantes que iriam adquirir sua habilitação em missiologia após dois anos de estudos, e um estágio missionário de dez meses.

O objetivo principal da pesquisa foi analisar com fatos e dados o nível de comprometimento financeiro das Igrejas do Brasil com a ordem de Jesus de se fazer discípulos em todas as Nações (Mt 28.18-20), e o valor total da despesa mensal desses alunos. O pressuposto é que para cumprir essa ordem, é preciso investir em treinamento daqueles que estarão ultrapassando fronteiras para fazer Jesus conhecido entre os perdidos, enquanto a Igreja fica e “guarda as bagagens” daqueles que foram.

A tabulação das respostas apresentou o seguinte resultado: 72% são alunas, e 28% são alunos. 81% estão na faixa etária até 30 anos. 83% são solteiros, e 17% são

casados. 72% trabalhavam antes de iniciar o preparo para missões. 30% são de Belo Horizonte e região metropolitana. 71% são alunos batistas. Os alunos são de vinte e uma denominações do Brasil. 20% possuem graduação. 43,5% da despesa mensal do aluno é gasto no pagamento da mensalidade. 30% é gasto com a alimentação.

36% não possuem o sustento completo. 21% dos alunos estão com a mensalidade atrasada. 25% dos alunos não recebem nenhum sustento financeiro da igreja (três são casados). A igreja só envia para o aluno, 36,6% do valor total da despesa mensal. 39% são do estado de Minas Gerais; 9% de São Paulo e 8% Rio de Janeiro.

Diante desses fatos e dados, é possível concluir que a igreja brasileira representada nesta pesquisa por dezesseis dos vinte e sete Estados Federativos do Brasil, e por vinte e uma denominações evangélicas, ainda está aquém do mínimo ideal para afirmar que é comprometida com a evangelização dos povos, pois de acordo com a pesquisa, apenas 36,6% das despesas totais mensais desses alunos, são assumidos por suas igrejas. O aluno necessita conseguir 63,4% ou R\$ 627,19 mensais com outras pessoas durante os dois anos de preparo missionário. Este era um valor considerável a ser alcançado mensalmente por estes estudantes de missiologia.

Luz (2005, p. 88) escreve que é necessário a igreja voltar às suas origens. Ele cita Hudson Taylor que disse: Deus teve um único Filho, e fez dele um missionário. Para Luz (2005, p. 92) podemos acrescentar que:

Este Filho tem uma única igreja e fez dela, uma igreja missionária, quando disse: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura (Mc 16.15). A igreja, na sua esfera maior, é missionária. [...] Na sua esfera local, ela é terapêutica, pastoral, social, cumprindo a função no contexto da sua comunidade. Mas não podemos confundir as duas funções. Uma é local; a outra universal.

Nem todos os candidatos brasileiros a missões transculturais chegarão ao campo missionário. Primeiro porque o “caráter é mais importante que habilidade” como escreve Lidório (2006, p. 92). Segundo porque o autor desta dissertação crer que nem todos esses candidatos para missões transculturais possuem pré-disposição em “gastar” tempo estudando para quando chegar ao campo, aplicar o conteúdo aprendido.

NECESSIDADES DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇA LOCAL

Lidório (2007, p. 57) disserta que a partir da invasão comunista na China, “os poucos missionários protestantes foram forçados a deixar o país. [...] Os programas de treinamento de líderes locais desapareceram juntamente com as organizações missionárias”. É a partir desses relatos que deve ser enfatizado a formação de liderança local, para que nos casos da ausência missionária, líderes locais já estejam aptos para assumirem a continuidade da proclamação do evangelho. Prática que já deve ser desenvolvida previamente.

Angola, Guiné Bissau, Namíbia e Moçambique, são países onde existiram e infelizmente ainda existem vários problemas com a ausência da formação de líderes locais. Os países que foram grandes celeiros de missionários negligenciaram o envio de missionário com o dom de mestre entre as equipes missionárias que enviaram. A igreja foi plantada, porém sem amadurecimento e profundidade bíblica, o que gerou e ainda gera sincretismo religioso ou nominalismo evangélico.

Para Guimarães (2001, p. 47) este é um “grande desafio: treinar obreiros em Moçambique para atender às várias necessidades do trabalho em todo o país”. Como forma de amenizar a falta de obreiros locais treinados, ele implantou em Tete o trabalho da Cruzada Mundial de Literatura, que ofereceu um curso bíblico por correspondência.

Guimarães (2001, p. 90) continua afirmando que: “Um grande problema que afligia as igrejas era a falta de obreiros preparados para orientar e doutrinar o grande número de convertidos e ensinar-lhes a viver uma vida cristã digna do amado Salvador”. Naqueles tempos do marxismo em Moçambique, Guimarães (2001, p. 90) escreve que

a busca pelo Senhor era tamanha que as igrejas se organizavam sem pastor local. Pessoas se convertiam por meio de mensagens transmitidas por estações de rádio de países vizinhos. Folhetos corriam de mão em mão até chegar aos recantos mais isolados do país. O evangelismo pessoal, feito por aqueles que há pouco tinham se convertido, era uma força para a expansão da fé cristã.

Para Guimarães (2001, p. 91) a estratégia missionária a ser desenvolvida em todo continente africano é o treinamento de obreiros, de líderes, de professores

nacionais. Justamente como Jesus praticou durante seus três anos de ministério. Guimarães (2001, p. 92) acredita que: “O desafio moçambicano para o presente, para o futuro próximo e para o futuro distante se traduz no treinamento de obreiros”. O fato é que não somente em contexto moçambicano, mas em todo continente africano se faz necessário o investimento na formação de obreiros locais durante o processo de plantação de igreja.

Este autor considera que um dos nossos maiores erros ou deficiência na evangelização dos povos não-alcançados, é não seguir o exemplo de Jesus. Ele preparou doze discípulos, mas um deles não alcançou o objetivo proposto pelo Mestre. Estes onze homens tiveram a incumbência de promover os novos conceitos do Reino dos Céus, da vida eterna, da Nova Aliança, para todos os povos de sua época.

Em alguns países da África, missionários tiveram que deixar seus campos de trabalho de forma repentina. Os motivos eram variados: perseguição religiosa, política, doença de um membro da família, início de guerras, entre vários outros.

Os resultados da formação de liderança local são, entre outras, a diminuição do sincretismo religioso, a extinção deste, ou a plantação de uma igreja sem esse perigo. Dissertando sobre povos sincréticos, Silva (2008, p. 136) escreve que

temos no Brasil, dentre outros, o caso de muitas igrejas Baniwa e Kuripaco, no Alto Rio Negro. Nas décadas de 1940 a 60 foram alvo de um movimento de plantio de igrejas sem precedente, mas devido restrições políticas da permanência missionária não houve tempo suficiente para um treinamento mais consistente da liderança local. O resultado foi um evangelicalismo nativo que, em grande parte, apresenta vários sinais de sincretismo.

Outro motivo para o missionário ter sempre em mente a necessidade de treinar liderança local, é que esse obreiro após o discipulado e o treinamento bíblico, deve sempre que possível estar à frente na liderança da nova igreja. O missionário deve agir no papel de coadjuvante, deixando o papel principal da evangelização daquele povo para o obreiro local.

É preciso haver humildade por parte do missionário, pois a tendência é querer controlar tudo, centralizar, subestimar a capacidade dos cristãos locais como obreiros do Reino. Hiebert (1999, p. 195) menciona que:

Como missionários, devemos reconhecer que surgem líderes naturais mesmo nas comunidades eclesiais mais simples, e que eles são capazes de liderá-las. Podem não ser instruídos na acepção ocidental do termo, mas são sábios e experientes em seus próprios meios culturais. Também devemos permitir aos líderes locais o maior privilégio que permitimos a nós mesmos - a saber, o direito de cometer erros e aprender com eles.

A partir das atitudes paternalistas, prática que muitas vezes os missionários desenvolvem, é necessário uma conscientização de que não é saudável agir contra o Espírito Santo, pois é Ele quem promove o surgimento de novos vocacionados para servir no Reino de Deus. É possível que alguns dos motivos que levam os missionários a não treinar obreiros locais, são:

- Receio do missionário em que aconteça alienação dos líderes nacionais em relação ao seu povo (Hiebert. 1999, p. 242-3).
- Sentimentos paternalistas, colonialistas ou imperialistas por parte da igreja enviada, agência missionária e dos próprios missionários.
- Receio de perder a posição de líder para os obreiros locais.
- Falta de consciência do missionário, da igreja enviada ou da agência para a necessidade de treinar a liderança que naturalmente surge em qualquer contexto em que exista ser humano.
- Subestimar a capacidade intelectual desses líderes vocacionados que são muitas vezes analfabetos funcionais ou nem sequer são alfabetizados.
- Falta de treinamento por parte do missionário que o capacite para promover o amadurecimento na Palavra daqueles que brevemente estarão liderando a nova igreja.
- A negligência dos enviados em orientar o missionário na estratégia de formação de liderança local.
- A carência de missionários com o dom ministerial de mestre nas equipes que são enviadas ao campo – Lidório (2007, p. 41).

OBREIROS AUTÓCTONES LEIGOS

Alguns pressupostos que podemos utilizar para se investir em liderança leiga nativa, estão nas palavras de McGavran (1987, p. 345) que lembra o que aconteceu com Adoniran Judson, missionário na Birmânia. O ministério dele se constituía na evangelização dos budistas birmaneses, pessoas de maior grau intelectual.

Após meses de ensino sobre Jesus para um nacional de nome Ko Tha Byu, que pertencia a uma tribo dos karens, que eram menosprezados pelos birmaneses, pois eram de baixíssimo grau intelectual, um acontecimento inesperado ocorreu. Após insistência de Judson, o seu empregado recebeu a Jesus, e mesmo com pouquíssima instrução, começou a testemunhar sobre o seu Mestre, entre seus parentes, amigos e conterrâneos. Os karens, que eram messiânicos, começaram a aceitar a Jesus como Senhor de sua vida, e muitos dessa tribo receberam Jesus como seu Salvador. Esse movimento popular do evangelho se estendeu para a próxima geração, e muitos karens são cristãos convictos. McGavran (1987, p. 347) escreve que:

Os cristãos karens são bons cristãos. Em cerca de cem distritos da Birmânia existem comunidades de karens cristãos, as quais contam com os seus próprios prédios da igreja, seu próprio pastor, sua própria tradição de culto regular ao Senhor, sua própria escola dominical, e uma vida tribal cristã que é um bom presságio da permanência das igrejas cristãs na Birmânia.

Outro exemplo de liderança leiga local que McGavran (1987, p. 348) ressalta, é um povo humilde que vive no norte do Paquistão, denominado de churas, que eram lavradores assalariados numa civilização mista entre muçulmanos e hindus, e da casta dos intocáveis, oprimidos entre os paquistaneses.

Os missionários que trabalhavam nessa região do Paquistão frequentemente não consideravam os churas. Porém, um homem chamado Ditt se converteu a Cristo e continuou a viver entre o seu povo, apesar das retaliações sofridas devido sua decisão por Cristo. Devido à insistência de Ditt, o evangelho foi expandindo e os frutos começaram a aparecer, a ponto de haver necessidade de plantar uma igreja, pastoreá-los, ensiná-los e discipliná-los. Como consequência após oitenta anos todos se tornaram cristãos.

É possível confirmar essa estratégia na história da denominação Assembleia de Deus no Brasil, pois de acordo com o Senso do IBGE do ano 2000 é a maior denominação no país em relação ao número de membros. Isso aconteceu provavelmente devido o fato de essa denominação utilizar a liderança leiga como forma de expansão de Igrejas.

Como forma da plantação de igrejas a partir da força dos obreiros leigos, Lidório

(2007, p. 64) menciona a Missão Juvep que foi fundada em 1981 na cidade de João Pessoa/PB, com a visão de plantar o maior número possível de igrejas a partir de viagens missionárias de férias, em cidades nordestinas que possuem baixíssimos percentuais de evangélicos.

Lidório (2007, p. 64-5) afirma que uma das estratégias para alcançar êxito nessa empreitada, está na formação de líderes leigos locais. Pois com o auxílio desses “obreiros leigos, locais, visionários e treinados seria possível agora haver não apenas impactos evangelísticos pontuais, mas o desenvolvimento de processos de plantio e enraizamento de igrejas sertanejas”.

CONCLUSÃO

O principal pressuposto para a elaboração de programas de formação de liderança local deverá acontecer impreterivelmente nos contextos de plantação de igrejas. Em contextos pioneiros, essas igrejas deverão ser plantadas a partir do conceito da autoctonia: auto-governada, auto-sustentada e auto-propagadora. O missionário deverá preparar os obreiros locais de tal maneira que num segundo momento esta igreja desenvolva a etnoteologia, o que possivelmente acontecerá na segunda geração de cristãos locais.

Os nacionais só irão compreender, assimilar e vivenciar o evangelho quando a comunicação ocorrer a partir da sua cosmovisão – de forma êmica. Sendo assim, o missionário deverá conhecer profundamente a língua e a cultura o qual ele esteja ministrando, portanto, ele deverá morar entre o povo, viver como eles vivem, aculturar-se e pensar como eles pensam. Diante destes desafios é imprescindível um treinamento missiológico, antropológico e linguístico daqueles que se dispuseram em ser enviados para trabalhar entre os PNA's.

A tarefa de comunicação das boas novas é muito grande, pois a Bíblia já menciona isso há dois mil anos: “a seara é grande e os ceifeiros são poucos” (Mt 9.37). Sendo assim, os missionários devem compartilhar com os cristãos locais a tarefa da evangelização, pois eles ficarão motivados em participarem deste projeto. Os obreiros locais possuem a facilidade de viver e transitar entre seu povo, o que

proporcionará uma vantagem imensurável no processo de comunicação do evangelho para eles.

Lidório (2009, p. 657) afirma que: “O treinamento de uma comunidade autóctone deve, portanto, estar na mente do movimento missionário antes mesmo de sua chegada”. Ou seja, o missionário deverá partir de sua terra natal consciente e interiorizado dentro de si sobre a necessidade de lançar mãos de “estratégias missionárias”, dentre elas o treinamento de obreiros locais.

O treinamento de liderança local em contextos animistas e ágrafos é eficiente e eficaz quando os princípios bíblicos são aplicados para guiar o povo através dos conflitos diários, aqueles que perturbam o povo, pois geralmente são difíceis de lidar, como nos informa Lidório (2008, p. 124). Temos como exemplo, a falta ou a abundância de chuva na região, a temperatura excessiva, algum tipo de praga nas plantações, uma doença que está afetando aquela tribo, entre vários outros. Lidório (2008, p. 124) afirma que:

Animistas não se baseiam em um sistema organizado de doutrinas e teologia, o que evidencia a ausência de uma teologia sistemática entre eles. Baseiam-se totalmente na experiência.

Bradford (2009, p. 766), acredita que algumas características, porém, são “indispensáveis a todos. Por exemplo, não importa o tipo de trabalho que exerça, o missionário deve ser caracterizado pelo desejo por excelência ministerial. Esse zelo o fará perseverar diante de obstáculos”. Esta excelência do ministério que o comunicador do evangelho deve buscar constantemente passa pelo crivo do sucesso de ter formado o maior número possível de discípulos e de obreiros locais. É possível que esta seja uma das formas de se mensurar a eficácia de um projeto missionário.

Para que a busca desta excelência ministerial seja ainda mais efetiva, os missionários deverão comunicar o evangelho sobre a plataforma de transmissão de conhecimento local, o que irá potencializar grandemente as chances de uma boa aceitação das boas novas entre o povo. Pois como afirma Hiebert (1999, p. 299), o amor se for genuíno

na vida e no trabalho de um missionário, é paciente e construtivo; não

busca posição e prestígio. O amor se agrada de ver um líder local competente na liderança e não fica enciumado. O amor procura treinar uma liderança nacional; não nutre ideias soberbas de sua própria importância; nunca fica ansioso para impressionar. O amor procura identificar-se com as pessoas e nunca é arrogante e etnocêntrico. [...] O amor genuíno é companheiro. É melhor fracassar com um líder nacional à frente do trabalho do que ser bem-sucedido sem ele. O amor não é melindroso; nunca esconde sentimentos de dor. O amor nunca obstrui o entendimento; ele se regozija em compartilhar a verdade.

Quando chegar o momento do missionário deixar esse campo, a liderança deverá estar formada e capacitada para formar outros líderes, e se não houver nenhum tipo de interferência de missionários ou obreiros de fora, esta igreja será considerada uma igreja auto-governada. Para que essa igreja seja plenamente autóctone, é primordial se evitar as formas, os estilos e as liturgias ocidentais de realização de culto e de vida cristã no processo de plantação de igrejas em contextos pioneiros.

Referências Bibliográficas

ATAÍDES, Florêncio Moreira de. **História das Missões Moravianas**. Arapongas: Aleluia, 2007.

_____. **Simonton – O missionário que impactou o Brasil. A implantação do protestantismo no Brasil Império**. Arapongas: Aleluia, 2008.

AVERY, Tom. In: WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C. BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas No Movimento Cristão Mundial – Coletânea de textos de autores nacionais e estrangeiros explorando as perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégica no movimento de evangelização mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BEAVER, R. Pierce. In: WINTER, Ralph D. & HAWTHORNE, Steven C. **Missões Transculturais – Uma Perspectiva Histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

BRADFORD, Kevin D. In: WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C. BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas No Movimento Cristão Mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BURNS, Bárbara Helen. **Contextualização – A Fiel Comunicação do Evangelho**. Anápolis: Transcultural, 2007.

CARRIKER, C. Timóteo. **A Visão Missionária na Bíblia – Uma história de amor**. Viçosa: Ultimato, 2005.

_____. **Missões e a Igreja Brasileira – Volume V. Perspectivas Estratégicas**. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

CARRIKER, Marta Kerr. In: CARRIKER, C. Timóteo. **Missões e a Igreja Brasileira – Volume V. Perspectivas Estratégicas**. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil – Dos Jesuítas aos Neopentecostais**. Viçosa: Ultimato, 2000.

CHEW, Jim. In: LEWIS, Jonathan. **Profissionais em Missões – Um guia para o fazedor de tendas**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas – O novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

COLEMAN, Robert E. In: WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C. BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas No Movimento Cristão Mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

DAYTON, Edward R. In: WINTER, Ralph D. & HAWTHORNE, Steven C. **Missões Transculturais – Uma Perspectiva Estratégica**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

DOOLEY, Robert A. In: LIDÓRIO, Ronaldo. **Indígenas do Brasil – Avaliando a Missão da Igreja**. Viçosa: Ultimato, 2005.

GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GUIMARÃES, Sebastião Lúcio. **Crônicas Missionárias – O dia-a-dia do campo africano**. Viçosa: Ultimato, 2001.

HESSELGRAVE, David J. **Plantar Igrejas – Um Guia Para Missões Nacionais e Transculturais**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas – Um Guia de Antropologia Missionária**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

_____. In: BURNS, Bárbara Helen. **Contextualização – A Fiel Comunicação do Evangelho**. Anápolis: Transcultural, 2007.

HILL, Margaret. **Vamos Ler a Palavra de Deus – Um Manual Com Suplemento. Edição Experimental**. Revisão Editorial: GARDNER, William, ALCÂNTARA, Raquel e ALFORD, Margaret. Traduzido do “Using your Bible - A Manual for Scripture in Use” por Margaret Hill. Publicação da Missão Wycliffe Bible Translators-UK. Wycliffe Centre, Horsleys Green, High Wycombe. Bucks HP14 3XL, UK – 1995.

KESSLER, Nemuel e CÂMARA, Samuel. **Administração Eclesiástica – Pastorear**

é muito mais que presidir. É administrar com eficiência os negócios do Reino de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

KUDO, Ken. In: CARRIKER, C. Timóteo. **Missões e a Igreja Brasileira – Volume V. Perspectivas Estratégicas.** São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

LAMP, Bárbara. **Mulheres no Ministério Cristão – Fragilidade e Força.** João Pessoa: Betel Publicações, 2009.

LARSON, Donald N. In: WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C. BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas No Movimento Cristão Mundial.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

LEWIS, Jonathan. **Profissionais em Missões – Um guia para o fazedor de tendas.** São Paulo: Vida Nova, 1993.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Missões – O Desafio Continua.** Belo Horizonte: Betânia, 2003.

_____. **Com a Mão no Arado – Pensando a Vida, cumprindo a missão.** Belo Horizonte: Betânia, 2006.

_____. **Plantando Igrejas – Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas.** São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

_____. In: BURNS, Bárbara Helen. **Contextualização – A Fiel Comunicação do Evangelho.** Anápolis: Transcultural, 2007.

_____. **Antropologia Missionária – A Antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e comunicação do evangelho em contexto intercultural.** São Paulo: Instituto Antropos, 2008.

_____. In: WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C. BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas No Movimento Cristão Mundial.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

McGAVRAN, Donald C. In: WINTER, Ralph D. & HAWTHORNE, Steven C. **Missões Transculturais – Uma Perspectiva Estratégica e Uma Perspectiva Histórica – 2**

Volumes. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

MEER, Antonia Leonora van der. **Eu, um Missionário? Quando o Jovem Cristão Leva a Sério o seu Chamado.** Viçosa: Ultimato, 2006.

_____. **Missionários Feridos – como cuidar dos que servem.** Viçosa: Ultimato, 2009.

MOK, Mansoo (Abraão). **Antropologia Cultural numa perspectiva missionária.** Contagem: AME Menor, 2005.

MOREIRA, Dinamarcia Faria Barbosa. **Igreja em Células.** Belo Horizonte: Promove Artes Gráficas, 2002.

MULHOLLAND, Kenneth B. In: WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C. BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas No Movimento Cristão Mundial.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

MUZIO, Rubens R. **A Revolução Silenciosa – Transformando Cidades Pela Implantação de Igrejas Saudáveis.** São Paulo: Sepal, 2004.

MUZIO, Rubens R. **Revolução Silenciosa II – Transformando a Sociedade com a Força do Evangelho do Reino.** Brasília: Palavra, 2006.

MUZIO, Rubens R. **Revolução Silenciosa III – Conhecendo e Transformando a sua Cidade com a Força do Evangelho do Reino.** Brasília: Palavra, 2008.

NIDA, E. A. **Costumes e Culturas – Uma Introdução à Antropologia Missionária.** São Paulo: Vida Nova, 1995.

O'DONOVAN Jr. Wilbur. **O Cristianismo Bíblico da Perspectiva Africana.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

PADILHA, C. René. **Missão Integral – Ensaio sobre o Reino e a igreja.** São Paulo: Temática, 1992.

PATTERSON, George. In: WINTER, Ralph D. & HAWTHORNE, Steven C. **Missões Transculturais – Uma Perspectiva Estratégica.** São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

RICHARDSON, Don. **Senhores da Terra**. Venda Nova: Betânia, 1999.

RICHARDSON, Don. **O Fator Melquisedeque**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

SHEDD, Russel P. **Fundamentos Bíblicos da Evangelização**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

_____. **Missões – Vale a pena investir?** São Paulo: Vida Nova, 2001.

_____. In: BEZERRA, Duravalina B. **Reflexão Teológica – Estudos e Pesquisas em Teologia e Missões**. São Paulo: Betel Brasileiro, 2008.

SHENK, David W. e STUTZMAN, Ervin R. **Criando Comunidades do Reino – Modelos Neotestamentários da Implantação de Igrejas**. Campinas: Cristã Unida, 1995.

SILVA, Cácio. **Fenomenologia da Religião – Compreendendo as Ideias Religiosas a Partir das Suas Manifestações**. Anápolis: Transcultural, 2008.

SILVA, Jarbas Ferreira da. **Tropeços na Ação Missionária – Tolice Humana ou Cilada de Satanás? 21 Casos Reais**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

SMALLEY, Willian A. In: WINTER, Ralph D. & HAWTHORNE, Steven C. **Missões Transculturais – Uma Perspectiva Cultural**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

STAM, Juan B. **Profecia Bíblica e Missão da Igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

STEFFEN, Tom A. In: WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C. BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas No Movimento Cristão Mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

VICEDOM, Georg Friedrich. **A Missão Como Obra de Deus**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.